

POR QUE ESTUDAR OS SONS DA LINGUAGEM

Introduzindo a questão

Gostaria de começar esta explanação lendo com vocês os poemas de Cecília Meireles que aqui trouxe. Gostaria de ler estes poemas com vocês e senti-los: um tem tema *referencial*, é o relato - poético evidentemente - de um episódio de nossa História; o outro é um texto com tema *emotivo*, para continuarmos usando a terminologia de Jakobson para as funções da linguagem, isto é, centrado no eu, expressando a subjetividade do emissor. Nos dois manifesta-se uma visão do signo lingüístico, embora não seja este o interesse central de nenhum dos dois.

O primeiro, **Romance LIII ou Das palavras aéreas**, diz na primeira estrofe: *Ai, palavras, ai, palavras/ [...] / sois de vento, ides no vento, ... e na última: Éreis um sopro na aragem/ Sois um homem que se enforca.*

O segundo, **Canção**, se inicia dizendo: *Nunca eu tivera querido/ dizer palavra tão louca/ bateu-me o vento na boca/ e depois no teu ouvido. Levou somente a palavra/ deixou ficar o sentido.*

De que modo estes poemas referem ao signo lingüístico? Elas o fazem na medida em que chamam atenção para os dois lados que tem a **palavra** (equivalente a signo): "sois de vento, ides no vento"... E vos transformais em tanta coisa...; o vento leva somente a palavra [e deixa] ficar o sentido".

O signo lingüístico é, já o discutiam os gregos (ver o diálogo Crátilo, de Platão) e o definiu Saussure, uma entidade bifacetada: som e significado intimamente entrelaçados. Em nossa língua ou em qualquer outra que falemos como nativos, escutar uma seqüência sonora, em geral, permite-nos encontrar uma imagem mental (não necessariamente visual), que por ela é recoberta. Quando se trata de uma língua desconhecida, só o complexo fônico nos chega à percepção e, em geral, como um bloco, no qual nos é difícil distinguir elementos discretos.

Mas, se da nossa língua nos é possível ter a compreensão e, pensamos ter, a identificação dos elementos, em que a Fonética e Fonologia nos seriam úteis em relação a ela?

Para que, além da pura identificação dos sons utilizados em nosso idioma, é importante, enquanto professores de Língua e Literatura, dominarmos

um conhecimento de Fonética e Fonologia? Vejamos um pouco.

Lembramos acima que o signo lingüístico - as línguas humanas naturais, portanto - tem uma face física, sonora e uma face abstrata, conceitual. A Fonética e a Fonologia são duas ciências que estudam o aspecto fônico das línguas: a primeira tem por objeto o aspecto puramente físico (segmental, suprasegmental e prosódico), a segunda, o aspecto funcional (som pertinente no sistema).

Pensem na função da Escola em uma sociedade "letrada", isto é, que usa a escrita, como a nossa. Embora haja grande equívoco a esse respeito, em parte responsável, parece-me, pelo seu fracasso, a função da Escola não é ensinar a língua ao aluno, posto que, ao entrar nela este já domina o falar de seu grupo social. A função da Escola, nas séries iniciais, é introduzir o aluno no mundo da escrita, que é necessariamente um mundo diferente daquele da oralidade. E é diferente porque a escrita constitui um outro sistema, um sistema simbólico secundário, um sistema de representação do sistema fundamental - o oral (e o gestual, que o acompanha). A relação entre oralidade e escrita deve ser compreendida pelo professor, para um bom sucesso do ensino/aprendizagem da escrita. Nas séries mais avançadas, deveria haver a introdução de uma reflexão teórica, acompanhada necessariamente da terminologia correspondente, para reforçar o trabalho de reconhecimento da língua escrita já desenvolvido ao longo dos primeiros anos.

Por outro lado, a Escola não pode esquecer sua contextualização histórica, assim ela deve desde cedo abrir a visão do aluno para a variação lingüística existente, para os diferentes usos da língua numa perspectiva de acumular conhecimentos aqueles já dominados pelo aluno e jamais insinuando, sequer, um desprezo pela realidade oral que ele trouxe e vive em seu ambiente.

Devendo, portanto, encarar a questão das variantes e das modalidades de registro, tanto no oral como no escrito, é fundamental para o professor de língua dominar os conceitos da Fonética e da Fonologia, que lhe permitirão entender seus alunos e explicitar-lhes as exigências lingüísticas com que se defrontam. Na alfabetização, esse conheci-

mento é indispensável ao professor, para que possa explicitar a lógica - e as contradições - do sistema ortográfico, de um lado e, de outro, fazer perceber ao aluno a música de sua língua, estimulando a produção de textos.

O ensino da língua deve levar em conta as suas variações e as diferentes possibilidades. O estudo da literatura, portanto, deve ser o da produção literária e não pode ser relegado a um momento isolado, mas deve, sim, fazer-se ao longo da vida escolar. Também no estudo da obra literária o conhecimento dos fatos fonéticos e fonológicos da língua fundamentam o trabalho do professor.

A Alfabetização

Os sistemas de escrita são basicamente de duas naturezas: ideográficos e fonéticos, i.e., representam conceitos ou sons (sílabas ou segmentos) da língua em questão. Hoje tem-se a compreensão de que, nos sistemas ideográficos, costuma haver um uso “fônico” de certos símbolos e, nos fonológicos, acaba por haver uma apreensão “ideográfica” de certas palavras.

Miriam Lemle (1983) evidencia uma razão por que o comportamento da realidade fônica interessa ao professor de “primeiras letras”: o ensino do sistema ortográfico de uma língua com séculos de escritura. Embora em algum momento a escrita possa ter sido uma representação bem próxima do oral, com o tempo abre-se um fosso, o que resulta em vários níveis de afastamento das duas modalidades. Em um extremo, tem-se relação biunívoca entre o fonema e sua representação - e fonemas com uma única realização fonética - de outro, a possibilidade de escrever de diferentes maneiras, em um mesmo contexto, dado fonema - que muitas vezes apresenta alofonias. Há, ainda, situações intermediárias.

Guilhermina Corrêa (1989) evidencia que o alfabetizando deve, desde o primeiro momento, ser levado a perceber a diferença entre as realidades escrita e oral e atribui a eficiência do ensino/aprendizagem da escrita à consciência dessa diferença, pelo professor. Ela deve informar todo o trabalho docente, no sentido da escolha e progressão dos fatos a serem considerados.

O estudo literário

Também em relação ao estudo da obra literária o conhecimento dos fatos fonéticos pode explicar a beleza, musicalidade, o encantamento que percebemos em um poema - ou outro tipo de texto. A par de certos recursos como a onomatopéia ou a aliteração, que explicitamente criam um ambiente, há também um jogo fônico, que podemos descobrir como “alma” ou “esqueleto” - de todo modo, elemento de sustentação do fundo/forma - de dado texto. Exemplificarei com um pequeno poema de Alice Ruiz aquilo que digo.

grama aparada

palma áspera

alma macia

Para mim, que por ele me apaixonei à primeira vista, ele relaciona três momentos da vida de um trabalhador, seja qual for o tipo de trabalho desempenhado. O primeiro verso fala do resultado concreto do trabalho, exterior ao homem, portanto; o segundo, da conseqüência física desse trabalho no homem; o terceiro, do resultado espiritual desse mesmo trabalho, no homem. Isto é o que nos diz o significado das palavras aí reunidas. Mas por que foram essas e não outras as palavras escolhidas? Por que *aparada* e não *cortada*? Por que *palma* em vez de *mão*? Por que *macia* e não *suave*, ou *tranqüila*?

Vimos o que o significado das palavras nos leva a entender. Observemos agora, procurando resposta, a sua estrutura fônica. Que vogais aparecem no texto? Dominantemente o *a*. Apenas um *e* e apenas um *i*.

a a a a a (a)

a a a (e) (a)

a a a i (a)

A vogal é o som musical por excelência. Baixa, aberta, ela é a mais aberta das vogais. É dita clara. A vogal [e], média fechada anterior, representa um fechamento em relação à primeira, porém, opondo-se à posterior [o] mantém um caráter “claro”; [i], a mais alta e fechada das vogais anteriores, tem uma qualidade acústica que caracteriza o agudo, em contraste com sua correspondente posterior [u], considerada grave.

Podemos, então, perceber que o esquema vocálico do poema associa o trabalho a um clima claro, leve, pela dominância do [a] associado com vogais anteriores. Também podemos ver uma progressão do plano mais “baixo” [a] ao mais “agudo” “elevado” [i]. Observamos que a última tônica dos dois primeiros versos (que tratam, ambos, do aspecto físico do trabalho - fora do homem e nele mesmo) é um [a] e a do último, que trata do aspecto espiritual, é [i].

Vejamos, agora, o esquema consonântico, do qual nos interessam aquelas da margem ascendente (onset).

g r m p r d

p m p r

m m s

O primeiro verso inicia com o grupo consonântico [gr], uma oclusiva velar sonora mais uma vibrante simples. Pode-se dizer que é uma seqüência “dura”, difícil de pronunciar. Nos primeiros anos de aprendizagem da língua, as crianças costumam eliminar o [r]. Dizem, por exemplo, “gampo” por GRAMPO, “gaça” por GRAÇA, “pato” por PRA-TO. Seguem-se a nasal bilabial [m]; a oclusiva bilabial surda (consoante por excelência) [p]; a vibrante simples (líquida, portanto) [r] e uma oclusiva sonora [d]. O verso, então, mostra um jogo de ruído

(consoantes oclusivas) e sonoridade (consoantes líquidas e nasais) que no conjunto dá uma impressão de “dureza”, por ser iniciado e terminado por oclusivas.

O segundo verso inicia por uma oclusiva surda [p] que, por estar sozinha, passa mais “leveza” em contraste com o grupo inicial do primeiro verso. Na seqüência vêm, ainda o [m], o [p], este precedido de [s], que na pronúncia do sul é sibilante (e não chiante, como na nossa e na carioca) e o [r], como no verso anterior. Mas já não há oclusiva fechando. A sonoridade da vibrante se prolonga...

O que acontece com o terceiro verso? Ele começa com a vogal dominante no poema [a], a vogal por excelência. E o que há de consoante é a nasal bilabial (musical) [m] duas vezes e [s], a sibilante (contínua, portanto), surda, que sublinha a “maciez” de que nos fala esse verso.

Vejam, então, que o encadeamento de idéias expresso pelo poema é reforçado por sua estrutura fônica, na qual se constata o movimento de um esquema duro que progressivamente se vai suavizando. Perpassando o poema, o [m], que agrega a oclusividade das consoantes e a musicalidade das vogais, faz o elo que liga o homem, sua ação e o produto dela.

Concluindo

Poderíamos nos perguntar se é justo com a obra de arte virá-la, assim do avesso, radiografá-la, para ver-lhe a estrutura. Afinal, a obra de arte é para ser fruída, para abrir-nos a janela da beleza, do prazer... Não para ser desossada. Mas esse tipo de trabalho que o conhecimento da fonética nos permite, ajuda-nos - a nós professores - a desenvolver no aluno a sensibilidade para os sons de sua própria língua, que, justamente por serem de domínio inconsciente, automatizado desde a mais tenra infância, podem ficar abandonados pela atenção, que se fixa mais no conteúdo do que na forma de expressão.

Pretendi mostrar a vocês três aspectos - um relativo ao ensino da língua escrita; outro em relação à oralidade; outro ainda ao ensino da Literatura - em que o conhecimento de fonética e fonologia é importante ferramenta para o professor.

Sugiro-lhes o exercício de observar o uso da língua por diferentes intérpretes da música popular:

ouçam os paraenses, os baianos, os paulistas - de zona urbana e de zona rural: gravem histórias contadas pelas pessoas idosas, pelos jovens e pelas crianças da família, da rua ou do bairro de vocês, gravem discursos de políticos e pregações nas igrejas. Adotem uma atitude de “estranhamento” diante dessas manifestações lingüísticas e vocês poderão sentir e entender que “Uma língua não é um bloco monolítico, mas, antes, uma colcha de retalhos finamente trabalhada e continuamente refeita. Portanto, uma obra de técnica e arte”.

Bibliografia

- CORRÊA, Guilhermina. *Alfabetização com base lingüística*. Anotações de curso ministrado na UFPA, 1989.
- JAKOBSON, Roman. *Seis lições sobre o som e o sentido*. Lisboa, Moraes Editores, 1977
- LEMLE, M. *Guia teórico do alfabetizador*. São Paulo, Ática, 1983.
- MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim. *Dicionário de Filologia e gramática; referente à língua portuguesa* (2a Ed. Refundida), Rio de Janeiro, J. Ozon Editor, 1964.
- CORRÊA, Guilhermina. *Alfabetização com base lingüística*. Anotações de curso ministrado na UFPA, 1989.

grama aparada
palma áspera
alma macia

ALICE RUIZ

a a a a a (a)
a a a (e) (a)
a a a i (a)

gr m p r d
p m p r
m m s